



“Panorama da Cultura Árabe”

MÓDULO II: Os Árabes: História e Atualidade

Coordenação: Profs. Drs. Arlene Clemesha, José Arbex Jr e Murched Taha

AULA 7: DEBATE: A TENTATIVA DE DESQUALIFICAÇÃO DA CULTURA ÁRABE E SEU PAPEL IDEOLÓGICO ATUAL

Coordenação: **Isabelle Somma e Soraya Misleh**

Debatedores: Profs. Drs. JOSÉ ARBEX JR. e MURCHED TAHA

Indicação de leitura: **SORAYA MISLEH**

Trecho de entrevista concedida pelo filósofo italiano Domenico Losurdo à revista CartaCapital nº 418, de 8 de novembro de 2006

TERRA DOS SENHORES
a Luiz Gonzaga Belluzzo

O filósofo italiano Domenico Losurdo esteve no Brasil em outubro para o lançamento do seu livro **Contra-História do Liberalismo**, lançado pela editora Idéias & Letras. Losurdo, professor de Filosofia da História na Universidade de Urbino, na Itália, é um intelectual de grande prestígio internacional.

Além da alentada produção teórica, participa ativamente do debate político e ideológico em seu país, como membro do Comitê Político Nacional da Rifondazione Comunista. Publicou recentemente o livro *Nietzsche, il Ribelle Aristocratico* - ainda não traduzido para o português - que suscitou controvérsia nos meios acadêmicos europeus. Soterrado por uma densa agenda de compromissos, encontrou tempo para conceder entrevista a CartaCapital.

CartaCapital: Gostaríamos de saber qual é o assunto principal do seu próximo livro, **A Linguagem do Império**.

Domenico Losurdo: O texto examina as categorias fundamentais mediante as quais o império, ou o imperialismo americano, procura desacreditar todos aqueles que criticam a política de Washington. A primeira diz que os que criticam os Estados Unidos favorecem o terrorismo. Ou são acusados de favorecer o fundamentalismo, a segunda categoria analisada. São também acusados de ter sucumbido ao antiamericanismo, a terceira categoria. Ou pior, aqueles que criticam Washington ou seu aliado no Oriente Médio, Israel, são identificados como anti-semitas, a quarta categoria examinada. O anti-sionismo é a quinta categoria examinada, e são chamados de anti-sionistas aqueles que criticam Israel. Ou acusados de fechar os olhos diante do perigo islâmico. Enfim, todos os que criticam a política de guerra de Washington são acusados de odiar o Ocidente, a categoria final a ser analisada. Portanto, o livro é a análise das categorias fundamentais com que Washington tenta calar seus críticos e as categorias são usadas para expelir do Ocidente todos aqueles que se apresentam como críticos da política americana.

Apresentação: ISABELLE SOMMA

Conceitos medievais sobrevivem na visão ocidental em relação a árabes e muçulmanos

Por Isabelle Somma

Primeiro farei uma exposição sobre a construção da imagem do árabe e do muçulmano no Ocidente. Depois me dedicarei a explicar a tese do Orientalismo, formulada por Edward W. Said, que revolucionou os estudos acadêmicos do Oriente Médio ao criticar como eles foram usados para justificar o colonialismo/imperialismo europeu no Oriente. Para concluir, falarei sobre como a imprensa vem retratando árabes e muçulmanos nos últimos anos.

Uma das primeiras descrições dos árabes que se tem notícia foi de um viajante europeu que escreveu, em seu diário de viagem no século IV, que os árabes obtinham “mediante o arco e o saque tudo o que necessitavam para viver”. E era isso o que bastava saber sobre eles. Nada mais foi relatado (RODINSON, 1989) pelo viajante originário do Império Romano.

Foi somente por meio dos primeiros contatos entre o Islã e os europeus na Península Ibérica que se estabeleceram as primeiras percepções ocidentais em relação a árabes e muçulmanos. A chegada árabe muçulmana à Espanha, assim como as invasões em territórios bizantinos no Oriente, fizeram circular lendas depreciativas e injuriosas, “mescladas com impressões mais justas extraídas dos contatos cotidianos” (RODINSON, 1989).

Essas primeiras impressões estão nos relatos principalmente de intelectuais cristãos, muitos deles religiosos, que escreveram nestes primeiros tempos mais sobre o contato com os fiéis da nova religião. Eles tinham como maior preocupação, de acordo com o arabista francês Maxime Rodinson, combater uma possível influência dos dogmas muçulmanos em sua própria religião, o cristianismo. Portanto, a principal função desses intelectuais era refutar elementos negativos que eles afirmavam terem sido trazidos pela nova religião.

No livro *Islam and the West*, o autor Norman Daniel afirma que a discussão religiosa foi o centro da discórdia durante a maior parte da Idade Média, calcada no destaque ao que era considerado herético no Islã. O profeta Muhammad era o principal alvo dos ataques durante este período, por ser considerado o fundador de uma heresia, um libelo anticristão, e não de uma religião autônoma. Essa idéia foi compartilhada por Dante Alighieri. O autor de *A Divina Comédia*, do século XIV, colocou Muhammad e seu genro Ali no oitavo círculo do inferno, destinado aos criadores de cismas e não de novas religiões.

De acordo com Daniel, a idéia do Islã como uma heresia fazia parte de uma imagem cuja função era representar o Islã para cristãos e não o Islã em si (SAID, 1996). Entre os conceitos formulados nesse período em relação à religião também estão uma suposta licenciosidade moral, principalmente no que tange a sexualidade, a preferência por uma ética determinista e, freqüentemente, a busca pela morte em uma guerra santa (DANIEL, 2003).

Embates ainda mais tardios entre cristão e muçulmanos formariam este “cânone ocidental”. Daniel afirma que ele teria sido formado nos séculos XII, XIII e início do XIV, se estabelecendo fortemente durante o século XIV (DANIEL, 2003). Não é uma simples coincidência que esse período seja quase simultâneo ao das Cruzadas, que compreenderam nove incursões militares européias para a região do Levante entre o final do século XI e o final do XIII, ou mais especificamente, entre os anos de 1095 e 1291. Segundo ele, havia algum conhecimento sólido sobre árabes e muçulmanos e muito nonsense (absurdos). “Nonsense era aceito e o conhecimento sólido era distorcido porque tudo que parecesse útil para a fé religiosa era considerado como provavelmente verdadeiro” (DANIEL, 2003).

“Panorama da Cultura Árabe”

Segundo o autor, o fracasso cristão das Cruzadas coincidiu com uma “estagnação mental”. O ideário medieval reviveu com o novo aprendizado durante aquele período de conflito e a ascensão dos turcos otomanos, conquistadores do último grande reduto do cristianismo no Oriente, Constantinopla. O ambiente do harém otomano (de “mistério” e “sedução”) agregou-se a antigos “absurdos” (nonsenses) como as concepções de violência e de selvageria. Estes dois últimos temas, aliás, segundo Daniel, foram naturalmente populares nos séculos XVI e XVII, período em que a Europa foi tomada por conflitos internos (DANIEL, 2003).

Durante o Iluminismo, na segunda metade do século XVII, houve uma ligeira mudança. A visão do Islã foi marcada pela ambigüidade nas obras dos escritores ocidentais. Ele exemplifica sua asserção com a análise da tragédia *Fanatisme*, ou *Mahomet le prophète*, de Voltaire, que data de 1742. A abordagem do pensador francês teria se diferenciado da medieval em apenas dois aspectos. O primeiro deles é que Voltaire “preferiu inventar suas próprias lendas” a usar as que já circulavam, porque, ainda segundo Daniel, não eram “vis” o bastante para suas intenções. O segundo aspecto é que seus argumentos contra a religião também podiam ser usados contra todas as religiões reveladas (DANIEL, 2003) e não somente contra o Islã.

O período do Romantismo, entre o final do século XVIII e o final do século XIX, caracterizou-se por levar a discussão para além da esfera religiosa, acrescentando novos elementos como os direitos femininos. O próprio autor de *Islam and the West* comenta que antes da aprovação da Lei de Propriedade das Mulheres Casadas, na Inglaterra, em 1860, as inglesas tinham menos direitos do que o Alcorão concedia às muçulmanas. As visões ocidentais do Islã foram, portanto, secularizadas durante o Romantismo, mas os temas abordados continuaram essencialmente os mesmos de antes: sexualidade e violência.

No século XIX, o advento do colonialismo europeu trouxe uma novidade: a aproximação entre o discurso religioso e o político, assim como na época das Cruzadas, mas com uma nova roupagem, o da “missão civilizadora”. A idéia cabia dentro do pragmatismo oitocentista ao colocar uma função dignificante no colonialismo europeu. A conquista de novos territórios seria, antes de tudo, uma forma de introduzir a civilidade entre os bárbaros. Algo muito próximo da construção atual “levar a democracia” aos países árabes.

As atitudes modernas em relação ao Islã e aos árabes também devem seus principais conceitos aos românticos, mas também à Idade Média e ao Iluminismo (DANIEL, 2003). Mesmo no século XX, as antigas percepções se fizeram presentes. Por isso, Daniel chega a afirmar categoricamente, no texto adicionado ao livro em 1993, que: “Provavelmente, mesmo hoje em dia apenas pessoas nascidas com uma herança diferente da de europeus comuns estão livres delas [idéias antigas]” (DANIEL, 2003).

Assim como Norman Daniel, Edward W. Said estudou obras produzidas por europeus, principalmente da literatura inglesa e francesa dos séculos XVIII e XIX que retratavam o “oriental”. Said percebeu que os discursos elaboraram uma disciplina em que o Oriente não era um interlocutor do Ocidente, mas seu “Outro silencioso” (SAID; 1985). Ele atacou a noção de Oriente (e também de Ocidente) propalada por intelectuais que descreveram árabes e muçulmanos, principalmente a partir do final do século XVIII (SAID e PAUL, 1988).

Said definiu essa abordagem de intelectuais europeus de Orientalismo. Segundo ele, o Orientalismo é “um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’” (SAID, 1996). Essa distinção foi feita através do uso de instituições, vocabulários e imagens através de elaboradas figuras retóricas em forma de discurso que deformaram os povos orientais. Ele aponta que houve, principalmente em meios acadêmicos, a construção de uma fronteira fixa, que separa o “nós”, ocidentais, dos “outros”, orientais. Essa fronteira foi construída em cima da desqualificação do “outro”, criando-se estereótipos e preconceitos.

O Orientalismo é, segundo Said, uma “crítica multicultural do poder usando conhecimento para se favorecer” (SAID, 1995b). Ele destaca a problemática da produção do conhecimento/saber, influenciado por Foucault, como um dos pontos centrais de sua teoria. O argumento é que o conhecimento construído pelos orientalistas serviu como justificativa

“Panorama da Cultura Árabe”

da dominação europeia principalmente durante o período em que franceses e ingleses empreenderam seus projetos coloniais tanto na Ásia quanto na África. “Ambos [colonialismo e imperialismo] são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação [...]” Ele cita como exemplo o pensamento oitocentista clássico, que cultivava conceitos como ‘raças servis’ ou ‘inferiores’, ‘povos subordinados’, ‘dependência’, ‘expansão’, ‘autoridade’ (SAID, 1995).

Há três sentidos para o Orientalismo apresentado por Said. O primeiro é o acadêmico, em que a pesquisa do Oriente é apoiada por instituições com o nome de estudos orientais. E como esse discurso é elaborado por orientistas, pessoas que detinham o “conhecimento científico”, ganhou legitimidade. O segundo sentido é o imaginativo, em que se encaixa a produção de poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos e administradores imperiais. Os seguidores dessas duas linhas aceitaram a existência da oposição de um Oriente a ser conhecido e de um Ocidente do qual eles fizeram ou fazem parte. A partir desse pressuposto, eles elaboraram teorias das mais diversas para “explicar” o oriental, sua mente, seus costumes, sua cultura. O terceiro sentido listado é o do discurso, na acepção foucaultiana¹ (SAID, 1996). Entre as formulações deste discurso está um complexo aparato de idéias “orientais”, exemplificados por sintagmas nominais como “despotismo oriental” ou “esplendor oriental” (SAID, 1996).

Em uma fase mais recente, esse mesmo discurso ainda se manifesta, com modificações apenas nos argumentos e principalmente através da imprensa. No caso de árabes e muçulmanos, as elaborações têm se intensificado desde a Guerra do Seis Dias em 1967, e a crise do petróleo em 1974 (SAID, 1997). Edward Said acreditava que a imprensa traz generalizações do Islã, tornando uma pequena parte do que realmente acontece no mundo islâmico, que tem mais de um bilhão de pessoas, dezenas de países, sociedades, línguas e experiências distintas, um retrato de toda uma religião (SAID, 1997).

Said dedicou um livro especialmente à cobertura dos veículos norte-americanos a assuntos relacionados ao Islã – *Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world*. Ele aponta, neste estudo publicado em 1981, que muçulmanos e árabes eram vistos como “potenciais terroristas”².

Outros estudiosos da comunicação também enfocaram as relações entre a mídia, principalmente a norte-americana, e árabes e muçulmanos. Edmund Ghareeb (1983) entrevistou jornalistas dos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos das décadas de 70 e 80, entre eles correspondentes no Oriente Médio e chefes de organizações como os canais de TV ABC e NBC, jornais como *The Washington Post* e *The New York Times*. Dos 17 jornalistas entrevistados, 11 concordaram com a tese de que houve ou havia nos veículos de comunicação norte-americanos um viés antiárabe, um deles não abordou o assunto e cinco discordaram.

Basyouni Hamada (2001) pesquisou qual era a retrato de árabes e muçulmanos entre os jornalistas, que ele chama de “image-makers” (formadores de imagem). O pesquisador entrevistou 168 jornalistas – entre editores, repórteres e jornalistas free-lancers³. Dentre as conclusões mais alarmantes da pesquisa desponta a de que 89,7% dos entrevistados acham que a mídia ocidental transmite uma imagem tendenciosa ou distorcida de árabes e muçulmanos. A mesa pesquisa detectou que 40% dos entrevistados afirmaram que árabes e muçulmanos são a mesma coisa. Ou seja, uma grande parte daqueles que produzem o noticiário não sabe distinguir etnia de religião.

Apesar de tratar da imagem dos norte-americanos de ascendência árabe, um outro estudo, feito por Mary Ann Weston (2003), mostra que esse desconhecimento é regra e não exceção entre os próprios jornalistas dos Estados Unidos. Realizada após 11 de setembro de 2001, a pesquisa revelou que muitos dos artigos pesquisados em jornais regionais do país

¹ O discurso como prática social, que se produz em razão das relações de poder.

² Obviamente, ao se referir a árabes, Said não se referia aos iranianos, mas ao conflito palestino-israelense.

³ Profissionais que trabalham para um ou mais veículos sem vínculo empregatício.

“Panorama da Cultura Árabe”

ignoravam a distinção entre os termos “árabe” e “muçulmano”, fazendo-se uso indiscriminado deles.

Linda Steet (2000) analisou as reportagens sobre árabes em todas as edições da revista *National Geographic* entre 1888, data em que a publicação saiu pela primeira vez, e 1988. A autora levantou uma série de estereótipos recorrentes nestes cem anos de cobertura, principalmente relativos à mulher árabe, assim como enganos. Mas a característica que mais aderiu à imagem dos árabes foi a de sujeitos violentos. “Década após década na *National Geographic* nós temos lido e visto as mesmas representações de árabes e violência e, exceto pelas datas, pouco senão nada mudou” (STEET, 2000).

No Brasil, os muçulmanos também têm do que se queixar. Um artigo de Silvia Montenegro, na revista especializada em antropologia *Mana*, lista alguns exemplos do tratamento dado pela mídia ao tema Islã no Brasil. Citaremos apenas o caso relativo à Folha de S. Paulo. Segundo a autora, a editoria “Mundo” do jornal publicou, em 18 de julho de 1999, um especial dedicado ao “fundamentalismo no Islã”. Foram três páginas sobre o assunto, “sublinhando que a ‘face assustadora’ do Islã se encontra em xeque”. Nas reportagens, ainda segundo Montenegro, as palavras “islâmico”, “Islã” e “muçulmano” funcionaram como adjetivos para o fundamentalismo (MONTENEGRO, 2002).

Carlos Dorneles, reconhecido repórter de TV, publicou um livro, *Deus é inocente, a imprensa não* em que compara a cobertura que os principais jornais e revistas do país fizeram sobre os desdobramentos dos atentados de 11 de setembro. O autor percebeu que houve uma tendência de qualificar os palestinos de terroristas, sem uma devida contextualização dos fatores que envolvem a luta pela autodeterminação daquele povo. “O terror é exclusivo do outro lado [o palestino]” (DORNELES, 2003).

Dorneles sugere que a imprensa brasileira, assim como outras do mundo ocidental, foi “refém e cúmplice” da imprensa norte-americana que, segundo ele: “Ignorou massacres, desrespeitos aos direitos humanos e às liberdades individuais, a destruição de um país miserável [Afeganistão] pela maior potência militar do planeta e deu vazão ao patriotismo como senha para obediência ao poder” (DORNELES, 2003).

Pelo que temos visto, a grande imprensa tem dedicado quase nenhum espaço para opiniões discordantes das percepções que sobrevivem desde a Idade Média em relação a árabes e muçulmanos. O que se vê é um alinhamento dos meios de comunicação com os discursos de governos que insuflam ainda mais a imagem negativa do dois grupos.

Bibliografia:

- DANIEL, Norman. *Islam and the West*. Oxford, Oneworld Publications, 2003.
- DORNELES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*. São Paulo, Globo, 2003.
- GHAREEB, Edmund (ed.). *Split Vision: the portrayal of Arabs in the American media*. Washington, American Arab Affairs Council, 1983.
- HAMADA, Basyouni I. *The Arab image in the minds of western image-makers*. In: *The Journal of International Communication*, v. 4, no 1, Sydney, MacquarieUniversity, 1997.
- KALIMANPOUR, Yahya R. *Introduction*. In: KALIMANPOUR, Yahya R. (ed.) *The US Media and the Middle East*. Westport, Praeger, 1997.
- MONTENEGRO, Silvia. *Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil*. In: *Mana: Estudo de Antropologia Social*, v. 8, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.
- NATALI, João Batista. *Europa enfrenta “surto” de islamofobia*. In: Folha de S.Paulo, 4 de maio de 2004.
- RODINSON, Maxime. *La Fascinación del Islam*. Madri, Ediciones Júcar, 1989.
- SAID, Edward W. *Afterword to the 1995 Printing*. In: SAID, Edward. *Orientalism*. London, Penguin Books, 1995b.
- _____. *Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world*. New York: Vintage Books, 1997.
- _____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995a.

“Panorama da Cultura Árabe”

- _____ *Orientalism Reconsidered*, In: Cultural Critique, no. 1, Fall 1985.
- _____ *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SAID, Edward W. e PAUL, James. *Orientalism Revisited: An interview with Edward W.Said*. In: *MERIP Middle East Report*, No 150, Human Rights and the Palestine Conflict, Jan.-Feb., 1988, pp. 32-36.
- SEMATI, M. M. *Terrorists, Moslems, Fundamentalists and other bad objects in the midst of 'us'*. In: *The Journal of International Communication*, v. 4, no 1, Sydney, Macquarie University, 1997.
- SHAHEEN, Jack. *The Arab image in American mass media*. In: GHAREEB, Edmund (ed.). *Split Vision: the portrayal of Arabs in the american media*. Washington, American Arab Affairs Council, 1983.
- STEET, Linda. *Veils and daggers: a century of National Geographic's Representation of the Arab World*. Philadelphia, Temple University Press, 2000.
- WESTON, Mary Ann. *Post 9/11 Arab American coverage avoids stereotypes*. In: *Newspaper Research Journal*, Vol. 24, nº 1, Chicago, AEJMC, Winter 2003.
-

Poema apresentado pelo Prof. Dr. JOSÉ ARBEX

"Cartão de identidade"

Mahmoud Darwish (palestino)

Escreve! Sou árabe. (...)
As minhas raízes foram criadas antes do início dos tempos
antes do nascimento das eras,
antes dos pinheiros e das oliveiras.
Antes que tivesse nascido a erva. (...)
Escreve! Sou árabe.
Roubaste os pomares dos meus antepassados
E a terra que eu cultivava com meus filhos:
O governo vai tirar-me as rochas, como me disseram?
Escreve, então, no alto da primeira página:
A ninguém odeio, a ninguém roubo.
Mas se tiver fome,
Devorarei a carne do usurpador.
Tome cuidado!
Cuidado com a minha fome,
Cuidado com a minha ira!



“Panorama da Cultura Árabe”

Apresentação: Prof. Dr. MURCHED TAHA

Regras que todos devem ter em mente quando ouvem noticiários ou lêem os jornais.

- Regra 1 No Oriente Médio, são sempre os árabes que atacam primeiro e sempre Israel que se defende. Esta defesa se chama represália.
- Regra 2 Os árabes, palestinos ou libaneses não têm o direito de matar civís. Isso se chama terrorismo.
- Regra 3 Israel tem todo o direito de matar civis árabes. Isso se chama legítima defesa.
- Regra 4 Quando Israel mata civis, as potências ocidentais pedem que seja mais comedido. Isso se chama uma reação da comunidade internacional.
- Regra 5 Os palestinos e os libaneses não têm o direito de capturar combatentes de Israel, mesmo que o número dos capturados seja inferior a três soldados. Isso se chama seqüestrar pessoas indefesas.
- Regra 6 Os israelenses têm o direito de levar a qualquer hora e de qualquer lugar quantos palestinos e libaneses desejarem (atualmente são mais de 10.000 no total dos quais 300 são crianças e 1.000 são mulheres). Não há limite e Israel não precisa ter provas de culpabilidade de crimes cometidos pelos seqüestrados. Basta mencionar a palavra mágica "terrorista" como justificativa. Israel pode manter os seqüestrados presos definitivamente.
- Regra 7 Quando se menciona "Hezbollah", é obrigatório na mesma frase dizer a expressão "apoiado e financiado pela Síria e pelo Irã".
- Regra 8 Quando se menciona "Israel", é proibido falar "apoiado ou financiado pelos Estados Unidos". Isso pode dar a impressão de que o conflito é desigual e que Israel não está em perigo existencial.
- Regra 9 Nunca falar de "territórios ocupados" ou de resoluções da ONU, nem violações de direitos humanos ou internacionais, nem da convenção de Genebra. Isso pode perturbar os israelenses ou os ocidentais, especialmente os telespectadores da CNN, da FOX, da BBC, etc.
- Regra 10 Tanto os palestinos quanto os libaneses são covardes que se escondem entre a população civil que não os querem. Eles dormem com sua famílias em suas casas. Isso se chama covardia. Israel tem todo o direito de aniquilar os bairros onde eles estão. Isso é permitido e se chama de ações cirúrgicas de alta valentia.
- Regra 11 Os israelenses falam melhor o inglês, o francês, o espanhol, o português, etc. que os árabes. Por isso, eles e os que os apóiam são mais entrevistados e têm mais oportunidade que os árabes para explicar as presentes regras (de 1 a 10. Isso se chama de neutralidade jornalística).
- Regra 12 Todas as pessoas que não estão de acordo com o exposto acima são definitivamente terrorista anti-semitas de alta periculosidade.



“Panorama da Cultura Árabe”

Mini Currículos Vitaes

ISABELLE SOMMA – Jornalista, tradutora e pós graduanda em língua, literatura e cultura árabes na USP. Foi repórter da Folha de S.Paulo e Jornal do Brasil e trabalhou em publicações em Tóquio. Atualmente colabora com várias editoras e é membro do ICArabe

SORAYA MISLEH – Jornalista, pós-graduanda em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e membro do Conselho de Imprensa do ICArabe.

JOSÉ ARBEX JR. - doutor em história social pela USP, coordenador do curso de pós-graduação e professor de jornalismo da PUC-SP, editor especial da revista Caros Amigos, membro do conselho editorial do jornal “Brasil de Fato” e autor de vários livros, entre os quais: “Terror e esperança na Palestina”, “Showrnalismo – a notícia como espetáculo” e “Jornalismo canalha”.

MURCHED TAHA - Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Itajubá, graduação em Residência Médica em Cirurgia Digestiva pela Hospital Prof. Edmundo Vasconcelos, graduação em Medicina do Trabalho pelo Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual, especialização em Residência Médica em Cirurgia Geral, mestrado, doutorado e livre-docência em Técnicas Operatórias e Cirurgia Experimental pela Universidade Federal de São Paulo, onde atua atualmente.